



Max Keindel

CONFERÊNCIA XVI



**A ESTRELA DE BELÉM: UM
FACTO MÍSTICO**



Traduzido e composto por:
Fraternidade Rosacruz-Centro autorizado do Rio de Janeiro
Rua Enes de Souza, 19 Tijuca, Rio de Janeiro, R.J. Brasil 2052-210
Telefone celular:(21) 9548-7397- E-mail: rosacruzmhrio@gmail.com

Adaptado por:
Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux

Matriz:
THE ROSICRUCIAN FELLOWSHIP
Rosicrucian Fellowship , 2222 Mission Avenue - Oceanside, CA 92058-2329
www.rosicrucian.com
www.rosicrucianfellowship.org
(760) 757-6600 (voice), (760) 721-3806 (fax)

© 2013 The Rosicrucian Fellowship, All rights reserved

CONFERÊNCIA XVI

A Estrela de Belém: um Facto Místico



Starry Night over Bethlehem by Suzanne Bort Gray

Há mais de 2000 anos, nasceu uma criança na Palestina. Crianças nascem todos os dias, todos os meses, ano após ano, em toda a face da Terra, mas este nascimento foi algo muito diferente de qualquer outro. Um nascimento que se deu no decorrer de uma grande manifestação espiritual. Coros de Anjos anunciavam a chegada do Pacificador que ia trazer ao homem os mais excelsos dos dons: “Paz na Terra e Boa Vontade entre os homens”. E como os homens precisavam disso!

Vieram os Magos para adorá-Lo, trazendo presentes que depositaram aos Seus pés, na manjedoura. O tempo passou. A criança cresceu, tornou-se homem e um dia falou: “Não vim trazer a paz, mas a espada.” Isso era, sem dúvida, algo bastante diferente daquilo que tinha sido divulgado pelos Anjos, algo estranho a um Pacificador, pois indicava para Si mesmo uma missão muito

diferente daquela entoada em coro pelas hierarquias angelicais na Noite Santa. E a história mostra que essa profecia foi cumprida. A religião cristã que Ele veio fundar tem sido, sem exceção, o látego mais sangrento que o mundo já conheceu. O islamismo, que tem alguns pontos em comum com o cristianismo, assemelha-se também a este no facto de que tem sido uma religião de sangue, de guerras e de homicídios. O meigo Nazareno falou também de uma futura era de amor, mas os que O seguiram tiveram de lutar como os hindus, superando até estes em astúcia e crueldade, porque chegavam a torturar as suas vítimas. E ainda se autodenominavam Jesuítas. As nações cristãs mantinham e continuam mantendo exércitos armados. Pagam enormes somas para que os inventores criem novas armas de fogo e explosivos mais poderosos, com o objetivo de destruir o seu semelhante. Por todo o mundo ocidental, ressoam gritos de guerra, e nada se tem equiparado a esta religião em ferocidade e destrutividade. A religião de Buda conquistou as suas muitas centenas de milhares de adeptos sem sacrifício de uma só vida, mas a religião do mundo ocidental tem custado rios e rios de sangue e produzido indizíveis misérias e sofrimentos. Vemo-la ampliar gradualmente a sua estrada sangrenta à medida que os povos do ocidente se espalham pelo mundo inteiro, levando consigo a espada de Cristo, vencendo e subjugando outros povos.

Mesmo quando reina a paz entre as nações, existe uma guerra: a guerra da competição. Toda a mão humana se levanta contra outra mão humana. Não há cooperação nesta luta tão cruel. Pode-se ver a evidência disto no crescimento dos sistemas de monopólio: por toda a parte, a enorme concorrência, as rivalidades e lutas. O cristão sincero deve encarar tais factos, sentindo verdadeiramente que existe algo errado em tudo isso. Então, ele é levado a perguntar-se: “É mentira aquilo que os Anjos cantaram na Noite Santa? A Estrela da Esperança, que guiou os Reis Magos, não terá sido apenas uma ficção? Será que tudo o que temos ouvido não passa de ilusão, e o que temos neste mundo ocidental não vai além de uma religião cruel?”

Esperamos poder mostrar neste capítulo que há uma razão para tudo isso; que existe uma boa e sadia razão para cada acto de crueldade provocado pelo cristianismo no seu despertar; que tais tribulações são apenas as necessárias precursoras de algo melhor, de uma condição de paz, alegria e amor; que a Estrela da Esperança existiu verdadeiramente e ainda existe como estrela de esperança para todo aquele que a procura, e que a mensagem do cântico angelical é uma promessa de realidade futura; finalmente, que as indesejáveis condições presentes podem ser comparadas às de alguém que, pretendendo fazer a limpeza e arrumação geral de uma casa, começa por desarrumar tudo, empilhando móveis sobre móveis, removendo tapetes, limpando o pó, etc.. Tudo para que a casa fique mais limpa, melhor e mais agradável que antes. Os factos do passado histórico do cristianismo merecem idêntica comparação: o caos existente dará lugar a uma fraternidade de amor e boa vontade.

Para uma melhor compreensão do assunto, precisamos retroceder no tempo. Sabemos, pelos capítulos anteriores, que o homem nem sempre foi o que é agora, tendo existido em diferentes estados. Consideremos cada coisa do cosmos não como é agora, mas como em evolução para o estado atual. Sobretudo, deixemos de encará-las pelo prisma materialista e de considerar a nós mesmos e a Terra como meras formas. Devemos parar de considerar o universo como uma gigantesca máquina dotada de movimento perpétuo, e compreender que os astros são os órgãos de um grande Ser a quem designamos pelo santo nome de Deus; que esses astros são também corpos de grandes Espíritos e que os seus movimentos no universo têm um importante sentido. Costumamos atribuir um sentido a qualquer gesto humano. Assim, quando vemos uma pessoa abanar as mãos com as palmas voltadas para nós, entendemos que ela nos está a mandar afastar ou ir embora. E sabemos que o significado é outro quando o gesticulador volta as palmas para si mesmo: neste caso, interpretamos o aceno como um convite para que nos aproximemos dele. O mesmo se dá com as estrelas. No seu percurso pelo Zodíaco, ano após ano, cada astro mantém uma posição diferente em relação a cada um dos demais. E,

após inúmeros anos, todos retornam à sua posição inicial. Cada um deles é um organismo sensível, vivente e pensante. Os solstícios diferem nos seus significados: o solstício de verão provoca certas mudanças na Terra; quando o Sol avança para o solstício de inverno, em dezembro (no hemisfério norte) verifica-se outra mudança. O mesmo acontece no que se refere aos equinócios da primavera e do outono. Todos eles significam alguma coisa. Todos têm um sentido no cosmos.

A própria Terra é um organismo vivente e sensível. Quando no campo, na época do verão, vemos o agricultor ceifando cereais, não se deve pensar que não existe sentimento envolvendo o facto: a Terra sente a colheita. A vaca que dá a sua força vital ao seu bezerrinho experimenta alegria e gozo em o ter produzido; sente-se aliviada quando a cria mama o leite. Isso também acontece com a Terra por ocasião das safras e quando colhemos as flores. Por outro lado, a Terra sente dor se arrancamos as plantas pela raiz, conforme se dá connosco quando nos arrancam os cabelos. Mas proporcionamos-lhe prazer quando quebramos uma pedra, pois a Terra é o corpo de um Espírito que nela encarnou, a fim de nos proporcionar o necessário material para construirmos os corpos densos em que funcionamos agora. O Espírito da Terra almeja pelo dia da redenção, quando o homem terá evoluído tanto que não mais precisará de tal corpo denso, estando capacitado a funcionar num veículo mais subtil, num corpo etéreo. Então, este veículo denso tornar-se-á tão espiritualizado que poderemos descartar-nos dele após extrair-lhe a essência espiritual. De certo modo, isto já é conseguido através da Iniciação, que abordaremos mais adiante.

No Mistério do Gólgota, esclarecido anteriormente, tratamos do Grande Espírito de Cristo em relação à Sua entrada na Terra. Mas aquilo foi apenas o começo do sacrifício, que não ficou encerrado naquele momento só com a morte do corpo de Jesus. O sacrifício ali iniciado teve sequência e tem continuado com o aprisionamento sucessivo daquele Raio emanado do princípio Cristo-Cósmico e que agora é o Espírito Planetário da Terra, aqui confinado até conseguir a redenção do homem.

Convém lembrar que já fomos habitantes do Sol no passado, isto é, que mesmo neste Período Terrestre, quando ali viemos viver pela última vez, encontrávamo-nos no centro daquela nebulosa ígnea, e ali estivemos até a Época Hiperbórea. Então, fomo-nos cristalizando até ficarmos insensíveis às elevadas vibrações que os outros seres solares continuaram a responder, seres aqueles que são agora os Arcanjos. Estes conseguiram evoluir sob as vibrações solares; nós, não. Por conseguinte, cristalizamo-nos para nos proteger de uma parte daquele material ígneo, pelo que tivemos que ser lançados fora da massa central. Então, quando nos distanciámos suficientemente do Sol, parte de nós cristalizou-se outra vez, pelo que, mais tarde, a Terra teve também de expulsar de si a porção agora conhecida como Lua. Os seres que agora habitam a Lua tinham-se cristalizado demais, atrasando-se de nós e precisando, portanto, serem lançados para fora deste planeta. Destas duas fontes, vêm duas classes de vibrações: as espirituais, do Sol, e as de tendência endurecedora, da Lua.

O equilíbrio entre estas duas classes de vibrações é que nos permite manter os nossos corpos unidos.

Nessa época, o homem era totalmente inconsciente. Os seus olhos ainda não tinham sido abertos. Usava as suas forças para construir órgãos internos. A Terra continuava a cristalizar-se gradualmente, até que, na metade da Época Atlante, o Ego por fim se converteu em ser humano, já na posse de todos os veículos que utiliza agora. Então, tornou-se consciente do mundo, mas encontrava-se ainda muitíssimo distante das condições em que se encontra agora. Quando a consciência é despertada, começa a atuar como o fermento na massa. Desde que os nossos olhos foram abertos na Época Atlante, desde que a atmosfera clareou e pela primeira vez pudemos ver claramente as coisas ao redor de nós, desde então temos trabalhado na matéria dos nossos corpos, atuando como o fermento trabalha no pão, isto é, fazendo-o crescer. Temos assim melhorado as nossas condições, e continuamos a melhorá-las.

Na Lemúria, o homem possuía os três corpos inferiores: de Desejos, Vital e Denso. O Espírito ainda pairava fora e, nessa época, a Terra era ígnea. As crostas solidificavam-se no meio das águas em ebulição e as erupções vulcânicas eram muitíssimo frequentes. O homem dessa época possuía pulmões parecidos com tubos e tinha uma bexiga como a que os peixes têm agora, com a qual podiam erguer-se e saltar por cima das profundas fendas do solo. À medida que a Terra se condensava, a nebulosa atmosfera ardente da Lemúria condensava-se também, convertendo-se numa neblina muito densa no princípio da Época Atlante. A essa altura, os tubos respiratórios do homem tinham-se transformado em guelras, pelo que ele respirava como os peixes. Isso pode ser visto ainda hoje no desenvolvimento do embrião, através do qual o ser humano percorre os mesmo estágios que percorreu no passado remoto. O embrião cresce mergulhado no líquido amniótico e possui as mesmas brânquias que o seu antepassado possuía nos princípios da Atlântida. Era como ele respirava na densa atmosfera aquosa daquela Época, mas, gradativamente, essa atmosfera foi-se modificando, tornando-se mais carregada, e então o homem paulatinamente começou a respirar do mesmo modo que agora.

No primeiro terço da Atlântida, a humanidade inteira constituía uma grande irmandade, pois a separação em nações ainda não tinha começado. O ritual do batismo - que nos faz membros de uma santa confraria tal como deveria ser a igreja, instituição que deveria ser também o núcleo da grande Fraternidade Universal - este rito de consagração pela água é uma reminiscência daquela Época, em que o homem era verdadeiramente inocente, amável e destituído de maldade, dos tempos em que ele vivia na densa atmosfera aquosa da primitiva Atlântida.

No segundo terço dessa mesma Época, tudo isso mudou. O homem começou a separar-se em comunidades, pois, como a atmosfera aquosa se tornava menos densa, ele começava a respirar pelos pulmões. Mas o Ego humano era muito fraco e precisava de ajuda. Portanto, Jeová, o mais alto Iniciado do Período Lunar - regente dos Anjos e Arcanjos que trabalhavam com o homem - deu pulmões ao homem e soprou-lhe nas suas narinas. Deu-lhe também o Espírito de

de Raça, que vive no ar, para dominar as tendências endurecedoras do corpo de desejos e ajudá-lo a manter esse corpo sob seu controle. O corpo de desejos comanda os músculos voluntários, de modo que cada movimento nosso é ditado pelo desejo, e cada esforço físico destrói tecidos orgânicos, endurecendo progressivamente cada partícula dos mesmos. Jeová, pois, apesar das condições físicas, visava ajudar a humanidade através da lei.

Todas as religiões de raça baseiam-se na Lei. “Eu Sou um Deus zeloso. Se cumprirdes os meus mandamentos, abençoar-vos-ei abundantemente, e multiplicarei a vossa semente como as areias do mar” - diz o Deus de Raça - “mas se não Me obedecerdes, enviarei contra vós os vossos inimigos que vos vencerão”. Jeová é o regente de todas as raças e de todas as religiões. Para regente de cada raça, e como seu Príncipe especial, Ele designa um Arcanjo. Em Daniel 12:1 está escrito que Miguel é o Príncipe dos judeus, enquanto que no décimo capítulo, outro Espírito de Raça declara: “Voltarei a lutar contra o Príncipe da Pérsia e, saindo eu, eis que virá o Príncipe da Grécia”.

Assim trabalhavam os Espíritos de Raça junto do homem, castigando-o através de outros povos e recompensando-o ou punindo-o de acordo com as suas boas ou más ações. O medo de Deus e a ânsia por recompensas materiais opunham-se aos desejos da carne; por conseguinte, essas religiões de raça sob Jeová originaram o sentimento nacionalista entre os povos. Preteriu-se o indivíduo em favor da nação. Os interesses nacionais afastaram para um segundo plano os interesses particulares. O judeu não pensava em si mesmo como sendo Salomão, Levi, mas antes e sobretudo como sendo a semente de Abraão. O que ele mais desejava enfatizar é que era judeu. Se algo mais pensava sobre a sua condição, é que devia identificar-se com a sua tribo. Mas pensar em si próprio como um indivíduo era pelo menos a última coisa que deveria fazer.

O Espírito de Raça dedicava especial cuidado a certa classe, como por exemplo os Levitas, entre os judeus, que eram destinados especialmente ao sacerdócio. Os membros dessa tribo eram sempre agrupados em volta dos templos, onde



recebiam educação e instrução especiais, a fim de se capacitarem a ser os precursores e os mestres dos seus irmãos. O Seu método de acasalamento e controle da vida sexual desses protegidos conduzia a um afrouxamento da ligação entre os corpos vital e denso, o que se fazia necessário a fim de que a Iniciação tivesse lugar e o homem assim fosse ajudado no seu avanço.

Enquanto o Espírito de Raça atua sobre nós, estamos sob o domínio da Lei, estamos apenas sobrepujando as influências do corpo de desejos. Por isso, diz Paulo muito bem, que a Lei existiu só até Cristo - não até à vinda de Cristo há cerca de 2000 anos atrás, mas “até Cristo ser formado em vós”. Quando nos libertamos das malhas do corpo de desejos e vivemos consoante as vibrações do nosso corpo vital, somos impregnados pelo Espírito de Cristo. Então, e só então, nos sobrepomos ao patriotismo, esse princípio separatista, e somos capazes de nos irmanar aos homens.

Percebe-se agora porque Cristo disse tão enfaticamente aos seus discípulos: “Antes que Abraão fosse Eu sou”. O Ego existia antes da raça, e deve ser exaltado acima da nação. Foi por isto que Cristo veio, porque, enquanto existirem nações, não pode haver fraternidade. Se temos algumas casas de tijolos e queremos fazer com o seu material um prédio maior, é óbvio que precisamos dismantelá-las, de forma que quando todos os seus tijolos tiverem sido separados é que poderemos começar a construção desejada.

Quando todas as nações do mundo forem reduzidas a indivíduos, poderemos então começar a edificar a grande Fraternidade Universal dos homens.

Este é o fracasso das religiões de raça: a separação dos homens em grupos antagónicos. Por isso, devem essas religiões desaparecer. Não podemos lidar com nações, mas sim com indivíduos separados. Daí as guerras e revoluções, em que o homem se rebela contra reis e ditadores para instituir repúblicas. Mas revoltas não são suficientes. Queremos ser livres individualmente. Desejamos que todo homem seja uma lei em si mesmo, mas aí está o grande perigo. Não podemos ser leis em nós mesmos, não podemos ser livres, até que tenhamos aprendido a

respeitar os direitos de cada um.

Assim pois, sob a religião de raça, o homem cresceu obedecendo à Lei. Sob o regime de Cristo que está para vir, o homem situar-se-á acima da Lei, e será ele próprio uma Lei, como disse Goethe:

“De todos os poderes que mantêm este mundo agrilhado,
o homem se liberta quando o autodomínio tenha conquistado.”

Esta é a meta: domínio próprio, que cada um precisa alcançar antes de estar apto a ser uma lei em si mesmo, a sobrepor-se à Lei, pois ninguém - salvo o homem indisciplinado que chamamos anarquista - pode pensar em melhorar as coisas através do poder de matar as pessoas. Por tais meios, apenas se criam condições muito piores que as anteriores. O “anarquista autêntico” - o que verdadeiramente busca abolir a Lei - é aquele que vive uma vida verdadeira e pura. Por cumprir a Lei, respeitando cada uma, ele se ergue acima de todas. Por exemplo: já superamos a Lei contra o roubo, portanto, não mais precisamos dela. Algumas pessoas, porém, não alcançaram este ponto; por conseguinte, ainda precisam desta Lei. Não queremos furtar, daí não precisamos da Lei que diz: “Não furtarás”. E assim, pouco a pouco, o homem prescindirá de todas as leis. Então, e só então, poderá afirmar-se como uma lei em si mesmo. No reinado de Cristo, o homem será motivado e guiado pelo amor e sabemos que “o amor perfeito lança fora o temor”. As religiões de raça obrigam o ser humano a agir com retidão através do medo, enquanto a religião de Cristo conduz a humanidade por meio do amor, de modo que os homens não poderão fazer outra coisa senão o bem.

Todas as religiões de raça, sem exceção, aguardam sempre um enviado. A religião egípcia, por exemplo, esperava Osíris com ansiedade, o luminoso espírito Solar; os persas esperavam por Mithras e os Babilónios, por Tammuz. Todas aguardavam ansiosamente aquele que viria libertar a Terra. Vemos o mesmo até na mitologia escandinava: os antigos nórdicos esperavam pelo

“Crepúsculo dos Deuses”, que poria fim a um estado de coisas. Então, do Sul, de Muspelheim - a região do calor - surgiria o fulgurante Sutar, o Espírito do Sol, que haveria de estabelecer um novo céu e uma nova terra. E assim, em todas as religiões, inclusive na cristã, que também espera pelo Sol Espiritual. Houve um tempo em que a Igreja Católica usava no seu ritual a frase:

“Nosso Senhor, o Sol”. É do Sol que provém toda a partícula de energia física, e é do invisível Sol espiritual que nos chega toda a energia espiritual.

Presentemente, não suportamos fixar o Sol de modo direto. Isso poder-nos-ia cegar. Mas podemos fitar os seus raios refletidos pela Lua. De igual modo, o homem não podia suportar o impulso espiritual direto proveniente do Sol. Por isso, tal impulso teve inicialmente que ser enviado por meio da Lua, através das mãos e pela mediação de Jeová, o seu regente. Esta é a origem das religiões de raça. Mais tarde, chegou o tempo em que o homem já podia suportar aqueles impulsos mais diretamente, Cristo - o atual Espírito Planetário da Terra - veio preparar essas condições. A diferença entre o Cristo Planetário e o Cristo Cósmico pode ser melhor compreendida numa ilustração: imagine-se uma lâmpada colocada no centro de uma esfera oca de metal polido. A lâmpada naturalmente emitirá raios luminosos em todas as direções, refletindo-se ao mesmo tempo a si mesma em todos os pontos diferentes da esfera. O mesmo se dá com o Cristo Cósmico, o mais alto Iniciado do Período Solar, na emissão dos Seus Raios. Ele está no Sol espiritual e o Sol é triuno. O Sol externo, o Sol físico, este podemos ver. Mas, por detrás deste - ou oculto neste - encontra-se o Sol espiritual, donde irradia o impulso espiritual do Cristo Cósmico. Envolvendo esses dois, encontra-se o que chamamos Vulcano, que pode ser visto apenas como uma semi-esfera, e do qual se diz em ocultismo ser o corpo do Pai.

Aí estão, pois, o Pai, como o Espírito de Vulcano; Cristo, como o Espírito do Sol; e Jeová, como o Espírito da Lua, esta refletindo tanto a luz física quanto a espiritual.

Antes do advento de Cristo, todos os impulsos espirituais alcançavam o homem através da Lua, como religiões de raça. Somente pela Iniciação era

possível receber-se diretamente o impulso espiritual solar. Um véu estendia-se à porta do Templo.

Chegado o momento em que o Espírito de Cristo podia entrar na Terra - quando já nos tínhamos adiantado bastante - então, um Raio do Cristo Cósmico desceu e aqui encarnou no corpo do nosso Irmão Maior Jesus. Depois do sacrifício do Gólgota e após a morte daquele corpo que serviu ao Seu propósito, Ele entrou na Terra. Para esta certeza, apoiamo-nos também nas suas palavras; de outro modo, não podemos explicar a frase: “Este é o meu corpo”, dita por Ele enquanto mostrava um pão. Porque, de fato, é o Espírito da Terra que produz o pão. “Este é o meu sangue”. O vinho é feito de sucos vegetais. Não foi dito: Isto simboliza o meu corpo ou sangue, mas sim “Este é o meu sangue”, de modo inequívoco.

Foi dito no Novo Testamento: “Aquele que come do meu pão, levantou contra mim seu calcanhar” (João 13:18). Lutero, que não se sujeitava às restrições impostas aos tradutores da versão bíblica “King James”, traduziu o trecho em alemão do seguinte modo: “Aquele que comeu do meu pão espezinhou-me”. Com efeito, a cada passo, espezinhamos o Espírito da Terra, como também o seu corpo e o seu sangue do qual nos alimentamos, a Ele que espera o dia da Redenção, quando já tenhamos superado tanto as nossas condições materiais que o Espírito da Terra possa libertar-se de sua atual existência prisioneira de um corpo denso.

A descida do espírito de Cristo foi, portanto, o primeiro impulso espiritual direto. Falamos dos diferentes movimentos dos planetas e das suas influências variáveis nas diversas épocas do ano. Sabemos que, quando o Espírito Solar alcança o máximo do seu curso no hemisfério setentrional - no ponto em que se dá o solstício de verão - todos os impactos físicos se verificam então sobre a Terra, quando também recebemos fisicamente todos os benefícios solares.

É a época em que o trigo e a uva amadurecem, e quando tudo se produz no Mundo Físico. Depois, o impulso espiritual fica atenuado, mas, por outro lado, quando o Sol alcança o solstício de inverno, aí esse impulso torna-se intensíssimo, sendo mais forte nos períodos noturnos que nos diurnos.

Houve um tempo em que as igrejas se mantinham abertas durante a noite, mas encerravam cerca do meio-dia por saberem que aquela era a hora de maior escuridão, pelo menos no que diz respeito às influências espirituais. Não obstante, diante disso, podemos ver que na época em que os dias são mais curtos e as noites mais longas - na Noite Santa, quando Cristo nasceu como um Sol para iluminar a nossa escuridão - a influência espiritual é das mais fortes e pode ser mais facilmente absorvida por nós. Esta grande verdade é que foi a Estrela que brilhou na noite santa, iluminando a noite mais longa e escura do ano.

Quando partiu com Gurnemanz para o Castelo do Graal, Parsifal perguntou-lhe: “Quem é o Graal?”

Não podemos dizê-lo; mas se por Ele tu foste enviado,
De ti a verdade não ficará escondida.
Julgo que tua face me é conhecida,
Nenhum caminho conduz ao Seu Reino,
E a procura d’Ele, mais adiante te vai levar,
Se não for por Ele próprio a te guiar.

Isto significa que, no passado, antes da vinda de Cristo, apenas uns poucos escolhidos podiam trilhar a senda da Iniciação. Ninguém podia procurar essa trilha - ninguém podia ir além do ponto em que se encontrava o resto da humanidade - exceto uns poucos eleitos, tais como os sacerdotes e os Levitas, que eram por isso conduzidos aos templos e ali agrupados. De certo modo, estes casavam-se uns com os outros tendo em vista um propósito: conseguir afrouxar os elos entre os seus próprios corpos vital e denso para fins de Iniciação. A separação entre esses dois corpos impõe-se para que se possa retirar os dois éteres superiores, deixando os outros dois. Isso não se podia fazer com a humanidade comum, que se encontrava ainda muito dominada pelo corpo de desejos. Esta tinha de esperar por épocas futuras.

Até essas pessoas agrupadas nos templos era perigoso libertar. Isto podia ser feito mais facilmente em certos momentos, tal como na noite mais longa do ano. Quando o impulso espiritual mais forte aqui chegava, eles tinham a oportunidade de senti-lo melhor que em qualquer outra época do ano. Por isso, na Noite Santa a que chamamos “Noite de Natal”, os Magos - aqueles que estavam acima da humanidade comum - costumavam levar aos templos aqueles que também começavam a progredir e que estavam, portanto, habilitados para a Iniciação. Então, certas cerimónias eram levadas a efeito, e os candidatos eram postos em estado de transe. Não se podia, em tais ocasiões, iniciá-los em pleno estado de vigília. Quando a sua percepção espiritual era despertada, eles podiam olhar através da Terra - não à procura de algo em particular, mas porque o globo se tornava transparente, por assim dizer - e ver a Estrela à meia noite, o Sol espiritual.

Antes da vinda de Cristo, a Terra era trabalhada de fora, de maneira idêntica à que o Espírito- Grupo opera sobre os animais. Cristo veio para atuar de dentro. Antes disso, quando os neófitos estavam perto de entrar em contacto com Ele, podiam ver naquela Noite Santa a Estrela de Cristo, no momento em que a Virgem Imaculada se encontrava no horizonte oriental, e o “Sol incipiente” do ano entrante reiniciava a sua trajetória em direção ao hemisfério norte para salvar-nos da escuridão, da fome e das vicissitudes que resultariam da Sua ausência. Assim, puderam os Magos ver a “Estrela de Belém” naquela Noite Santa que é a esperança espiritual do homem, assim como o Sol físico recém-nascido é o seu salvador material.

Não se pense que ela brilhava somente naqueles tempos. Na verdade, é mais fácil vê-la agora, porque Cristo, ao vir, alterou as vibrações da Terra e continua modificando-as a partir dali. Ele “rasgou o véu do Templo”, abrindo assim o Santo dos Santos - o local da Iniciação - a “quem quiser”! Dali por diante, deixaram de ser necessários o transe e estados subjetivos nos passos iniciáticos. Agora, vai-se ao Templo conscientemente, qualquer um que queira ir.

No devido tempo, a religião que Ele nos trouxe apagará todas as tristezas e enxugará todas as lágrimas de todos os olhos. Onde havia guerra, haverá paz, e infalivelmente, tão certo quanto Ele veio trazer a espada que libertará o homem do espírito nacionalista de raça, tornando-nos capazes de nos sentirmos todos irmãos uns dos outros; tão certo quanto Ele veio para realizar tal trabalho; tão certo quanto a primeira parte da Sua profecia tem sido cumprida, assim também aquela outra grande e gloriosa profecia terá cumprimento, aquela de que o homem converterá as suas espadas em relhas de arados e as suas lanças em podadeiras.

Temos mais uma coisa a considerar: os presentes levados pelos Reis Magos-presentes depostos aos pés do Salvador, conforme diz a velha lenda, segundo a qual um ofereceu ouro, outro, mirra e o terceiro, incenso. O ouro é tido como símbolo do Espírito, conforme é representado, por exemplo, em “O Anel dos Nibelungos”. Na abertura desse drama, vê-se primeiramente o “Rheingold” e aí o rio Reno simboliza as águas, onde o ouro é visto a brilhar por entre as rochas, simbolizando o espírito universal na sua pureza perfeita. Esse ouro é depois roubado e convertido num anel por Alberico, que representa a humanidade de meados da Atlântida logo após o Espírito ter entrado no seu veículo denso. O precioso metal foi então aviltado, adulterado, e foi isso a causa de todo o sofrimento sobre a Terra. Mais tarde, ouve-se falar dos alquimistas que tentavam transmutar em ouro metais inferiores: é o modo espiritual de dizer que o homem desejava purificar o seu corpo denso, refiná-lo e dele extrair a essência espiritual.

Por conseguinte, a dádiva de um Mago foi Espírito. O outro ofertou mirra, que é o extrato de uma planta aromática própria da Arábia. Uma planta muito rara. Raríssima, de facto. Simboliza, pois, aquilo que o homem extrai quando se purifica a si mesmo. Ao limpar o seu sangue das paixões, fica semelhante à planta, isto é, casto e puro. Ele era a planta invertida antes de se tornar a planta pura, simbolizada pela Rosacruz, pela Alma Diamantina, etc., sendo então o seu corpo uma essência aromática. Falamos de um facto real, não em sentido figurado, quando dizemos que há homens santos, mas tão santos que exalam naturalmente um agradável aroma. Conta-se isso de alguns santos católicos, e é

verdade. A mirra é assim um símbolo daquela essência anímica que se extrai das experiências do corpo. É a alma.

A terceira oferta foi incenso. O incenso é uma substância física muito volátil, usada muitas vezes em serviços religiosos. Serve de veículo a influências invisíveis. Um exemplo que ilustra as suas propriedades encontra-se na história dos regicidas sérvios. Na publicação das suas Memórias, o Ministro do Interior sérvio, ao tempo do complô, mencionou como circunstância muito curiosa o facto de que, todas as vezes que usou certo tipo de incenso para aliciar outros à conspiração, teve êxito, mas falhava quando não empregava o dito incenso. Isto mostra que, em determinados momentos, ele havia - inconscientemente, é claro - fornecido um veículo para certos espíritos que queriam ajudar os conspiradores.

Eis, pois, a chave dos três presentes ofertados pelos Magos: o Espírito, a alma e o corpo. Como disse Cristo: "Se queres seguir-me, vai e vende tudo o que tens." Nada guardes para ti mesmo. A tudo deves renunciar - corpo, alma e Espírito - tudo em prol da vida superior, em favor de Cristo. Não para um Cristo externo, mas para o Cristo interno. Diz a lenda que os três Magos eram: amarelo um, preto, outro, e branco o último, representando assim as três raças sobre a Terra - a mongólica, a negra e a branca. Portanto, a lenda mostra de modo bem claro que, no devido tempo, todos buscarão a abençoada religião de Cristo. "Diante d'Ele se dobrará todo o joelho". No devido tempo, cada um será guiado a Cristo pela estrela. Mas é bom que se enfatize muito bem: não ao Cristo externo, mas sim ao Cristo interno. No dizer de Angelus Silesius:

“Ainda que Cristo nascesse mil vezes em Belém
se não nascer dentro de ti, tua alma ficará perdida.
Em vão olharás a Cruz do Gólgota
a menos que dentro de ti Ela seja novamente erguida.”

A FRATERNIDADE ROSACRUZ

1. A FRATERNIDADE ROSACRUZ E A SUA MISSÃO

A Fraternidade Rosacruz Max Heindel não é uma seita ou organização religiosa, mas sim uma grande Escola de Pensamento. A sua finalidade principal é divulgar a admirável filosofia dos Rosacruzes, tal como ela foi transmitida ao mundo por Max Heindel, escolhido para esse fim pelos Irmãos Maiores da Ordem Espiritual.

Os seus ensinamentos projetam luz sobre o lado científico e o aspeto espiritual dos problemas relacionados com a origem e evolução do homem e do Universo. Tais ensinamentos, contudo, não constituem um fim em si mesmo, mas um meio para o ser humano se tornar melhor em todos os sentidos, desenvolvendo assim o sentimento de altruísmo e do dever, para o estabelecimento da Fraternidade Universal.

O fim a que se destina a Filosofia Rosacruz é o de despertar a humanidade para o conhecimento das Leis Divinas, que conduzem toda a evolução do homem, e, ainda:

- (I) Explicar as fontes ocultas da vida. O homem, conhecendo as forças que trabalham dentro de si mesmo, pode fazer melhor uso das suas qualidades;
- (II) Ensinar o objetivo da evolução, habilitando o homem para trabalhar em harmonia com o Plano Divino e desenvolver as suas próprias capacidades, ainda desconhecidas para a grande parte da humanidade;
- (III) Mostrar as razões pelas quais o Serviço amoroso e desinteressado ao próximo é o caminho mais curto e mais seguro para a expansão da consciência espiritual.

O Movimento Rosacruz, mundialmente iniciado pelo engenheiro Max Heindel, é fundamentalmente uma Escola de reforma interna para a humanidade, uma Escola de desenvolvimento e expansão da consciência,

tratando da nossa origem espiritual e da finalidade da nossa evolução. Foram publicados livros e organizados cursos por correspondência para os aspirantes que desejam estudar as verdades espirituais, mas como auxílio e não como fim em si mesmo, pois o estudo, em si só, não basta. A teoria precisa da experiência, obtida mediante a prática, para ser desenvolvida em sabedoria e poder. E, precisamente, a Fraternidade Rosacruz destina-se a prestar a orientação necessária aos aspirantes, para se chegar à aplicação da Lei Espiritual na solução dos problemas individuais e coletivos.

"O que uma geração considera como o máximo de saber, é frequentemente considerado como absurdo em gerações seguintes; e o que, num século, é considerado como superstição ou ilusão, pode formar a base da ciência nos séculos vindouros."

(Paracelso)

"Ao discípulo da antiga sabedoria é ensinado a perceber que o homem não é essencialmente uma personalidade, mas um espírito."

(Manly P.Hall)

2. OS NOSSOS PRINCÍPIOS

Os princípios que nos inspiram são os que Max Heindel, fundador de The Rosicrucian Fellowship, definiu em consonância com as instruções recebidas dos Irmãos Maiores, e que, basicamente, se resumem em divulgar os Ensinamentos da Sabedoria Ocidental, e em auxiliar todos os que sofrem.

3. A NOSSA ATIVIDADE

A atividade da Fraternidade Rosacruz – Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux (Amadora), pode-se subdividir em três categorias: devocional, didática e divulgadora.

Devocional

Aos Domingos, quinzenalmente celebra-se o Serviço Devocional (de Templo) pelas 10:30 horas, seguido de uma sessão do Grupo de Estudos para alunos da Filosofia Rosacruz.

Quando o Sol entra num signo cardinal celebram-se os Serviços equinociais solsticiais, que marcam a entrada das estações do ano.

A Páscoa Cristã e o Natal, também são celebrados segundo a tradição rosacruz.

Didática

- Disponibilizam-se cursos de Filosofia Rosacruz (Preliminar e Suplementar), Interpretação da Bíblia à Luz da Filosofia Rosacruz e Astrologia Espiritual (Elementar, Superior e Suplementar) por correspondência postal ou e-mail.
- Efetuam-se nas primeiras segundas-feiras de cada mês as Leituras Rosacruzes pelas 21:15 horas.
- Mensalmente em data anunciada é efetuada uma atividade de serviço público.

Divulgadora

- Trimestralmente é publicada a revista Fiat Lux do Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux, versando temas da Filosofia Rosacruz, de Astrologia, Vegetarianismo/Veganismo e Poesia, entre outros.
- Divulga, também, para os nossos membros e amigos, diversos textos de Max Heindel e de outros autores da nossa escola, publicados pela Sede Mundial e Centros credenciados.
- Mantém um site na Internet para divulgação das principais obras da Fraternidade Rosacruz Max Heindel, e para apoio ao estudante, numa área reservada. Os temas do Misticismo e Ocultismo Cristão são tratados dentro da Tradição Espiritual do Ocidente.

4.CONDIÇÕES DE ACESSO

A filiação está aberta para todas as pessoas que aspiram percorrer este caminho cristão espiritualista, que é a Associação Internacional Rosacruz de Cristãos Místicos. Desejando-a, poderá solicitá-la por carta ou e-mail, expressando as razões pelas quais se inclina pela Filosofia Rosacruz, e enviando-nos o nome completo, endereço, data de nascimento, estado civil e ocupação. Os pedidos de filiação deverão ser dirigidos ao Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux; Rua Conde Castro Guimarães nº13, 3º Esq; 2720-113 Amadora; Portugal; mail: rosacruzfiatlux@gmail.com; Telem: +351 913 072 400

Os conhecimentos e as faculdades espirituais apenas serão utilizados legitimamente quando postas ao serviço amoroso e desinteressado do próximo.

A Fraternidade Rosacruz desaprova qualquer comercialização de forças ou conhecimentos espirituais, bem como o seu desenvolvimento negativo, tão prejudicial a quem é alvo da sua prática como a quem lhe serve de veículo. Desta forma, astrólogos e quiromantes profissionais, e ainda médiuns e hipnotizadores praticantes terão o seu pedido de inscrição negado até abandonarem, de imediato, tais práticas.

5. OS RECURSOS

Por vontade do seu fundador, o ingresso na Fraternidade Rosacruz, em nenhum caso, está condicionado a obrigações monetárias, não havendo taxas ou mensalidades obrigatórias. Todos os gastos da Fraternidade são cobertos por contribuições e donativos, voluntários, de estudantes e simpatizantes que desejem colaborar com o reembolso de despesas feitas com a produção do material de divulgação e envio, via postal dos cursos por correspondência e solidarizar-se com a Obra Rosacruz.

CONFERÊNCIAS

- I - O enigma da vida e da morte
- II - Onde estão os mortos
- III - Visão espiritual e mundos espirituais
- IV - Sono, Sonhos, Transe, Hipnotismo, Mediunidade e Insanidade
- V - A Morte e a Vida no Purgatório
- VI - Vida e Atividade no Céu
- VII - Nascimento: um Acontecimento Quádruplo
- VIII - A Ciência da Nutrição, da Saúde e da Juventude Prolongada
- IX - Alegorias Astronômicas da Bíblia
- X - ASTROLOGIA - Seu Alcance e Limitações
- XI - Visão e Compreensão Espirituais
- XII - PARSIFAL - Célebre Drama Musical Místico de Wagner
- XIII - Os Anjos como fatores da evolução
- XIV - Lúcifer: tentador, benfeitor ou ambos?
- XV - O Mistério do Gólgota e o Sangue Purificador
- XVI - A Estrela de Belém: um Facto Místico
- XVII-
- XVIII-
- XIX-
- XX -

Imagem de capa

"A Estrela de Belém" - Edward Burne Jones- Pintor Inglês (1833-1898)



Grupo de Estudos Fraternidade Rosacruz Fiat Lux
Rua Conde Castro Guimarães nº13, 3º Esq
2720-113 Amadora, Portugal
mail: rosacruzfiatlux@gmail.com
tlm: +351 913 072 400